



## QUILOMBOLAS GURUTUBANOS: História e Cultura<sup>1</sup>

*Maria do Socorro Vieira Coelho<sup>2</sup>*

### RESUMO

Neste artigo discorreremos sobre a história de moradores do Território Gurutubano, ou seja, o povo quilombola gurutubano que vive no vale do rio Gurutuba, situado na Região Centro-norte de Minas Gerais, desde o século XVIII, para que eles a conheçam e tenham seu registro na escrita, uma vez que isso ainda não foi realizado. Trata-se de uma pesquisa feita, principalmente, para os gurutubanos, depois, para os professores, pesquisadores e simpatizantes deste assunto. Apresentaremos, então, fatos históricos, sociais e culturais dos habitantes quilombolas do Território em questão.

Palavras-**chave**: Gurutubanos, Quilombolas, Negros.

### *QUILOMBOLAS GURUTUBANOS: HISTORY AND CULTURE*

### ABSTRACT

In this paper, we discuss the history of the inhabitants of the Gurutubano territory, that is, the quilombola people who have been living in the valley of Gurutuba River, located at the Mid-Northern region of Minas Gerais, since the 18th century. The objective is that they get in contact with their history and have it written down, once these have not been done yet. Such research is mainly aimed at the gurutubanos, and afterwards, at the teachers, professors, researchers and whoever feels connected to this subject. Therefore, we present social historical and cultural facts regarding the inhabitants of the territory under research.

**Keywords**: Gurutubanos. Quilombolas. Black people.

### *QUILOMBOLAS GURUTUBANOS: HISTORIA Y CULTURA*

### RESUMEN

En este artículo, discutimos la historia de los habitantes del Territorio Gurutubano, es decir, el pueblo quilombola gurutubano que viven en el valle del río Gurutuba, ubicado en la región centro-norte de

---

<sup>1</sup> Este texto constitui uma parte da tese de doutoramento da mesma autora [Coelho (2010)], intitulada *Gurutubanos: língua, história e cultura*, defendida e aprovada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, orientada pelo Professor Marco Antônio de Oliveira, e se encontra disponibilizada na internet ([www.fflch.usp.br/dl/indl/baixar.php?arq=374ea1b0b34e995.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/indl/baixar.php?arq=374ea1b0b34e995.pdf)).

<sup>2</sup> Professora de Linguística e Língua Portuguesa do Departamento de Comunicação e Letras – Unimontes. Docente do estágio pós-doutoral desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Linguística na Universidade Federal de Minas Gerais, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen.



Minas Gerais desde el siglo XVIII para que conozcan y tengan su registro en la escritura, una vez que no se realizó todavía esta labor. Se trata de una investigación realizada, principalmente, para los gurutubanos, después para los profesores, investigadores y simpatizantes por el asunto. Presentaremos, entonces, hechos históricos sociales y culturales de los habitantes quilombolas del Territorio en cuestión.

**Palabras clave:** Gurutubanos, Quilombolas, Negros.

### *QUILOMBOLAS GURUTUBANOS: HISTOIRE ET CULTURE*

#### **RÉSUMÉ**

Dans cet article, nous avons discuté de l'histoire des habitants de le *Territoire Gurutubano*, à savoir les personnes quilombola gurutubano vivant dans le Gurutuba vallée de la rivière, situé dans la région - centre nord de Minas Gerais - depuis le XVIIIe siècle, afin qu'ils comprennent et relèvent de votre consigner par écrit, car cela n'a pas été fait. Il s'agit d'une enquête, principalement pour gurutubanos puis pour les enseignants, les chercheurs et les partisans de ce sujet. Actuellement, puis, sociaux et culturels des faits historiques des habitants quilombolas du territoire concerné.

**Mots-clés:** Gurutubanos, quilombolas, Noirs.

### *GURUTUBANOS: ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E CULTURAIS*

Conforme já anunciado, em nota de rodapé, este texto constitui uma parte da tese de doutoramento da mesma autora [Coelho (2010)], intitulada *Gurutubanos: língua, história e cultura*. Para a realização dessa pesquisa, seguimos as orientações do arcabouço histórico, teórico-metodológico adotado pelas nossas intuições, estas, por sua vez, norteadas pelo conhecimento empírico. Para o estudo da tese, constituímos uma amostra controlada de 38 informantes naturais, que viveram sempre nas trinta comunidades que compõem o Território Gurutubano. Os dados foram coletados por meio de anotações, de observações etnográficas e gravação de entrevistas, algumas informais (conversas livres), sem qualquer limitação de tema ou assunto; outras direcionadas para temas sobre festas religiosas, costumes e antepassados, por acreditarmos que revelariam pontos sobre a história local. Para conhecer a história entrevistamos e conversamos aleatoriamente com um grande número de pessoas idosas, gravamos rezas, benditos, cantos, mas não foi possível, como pretendíamos, verificar documentos antigos como certidões de nascimento, batismo, óbito, registros de propriedades, que não existiam, e os documentos de identidade, registro de nascimento. Os títulos de eleitor, que hoje já existem, foram conseguidos recentemente, ou seja, a partir da década de 1980. A maioria das entrevistas foi realizada na moradia dos informantes. Baseamo-nos também nas pesquisas realizadas sobre os gurutubanos, por Costa Filho (2005 - 2008) e Silva (2008).

Das 153 comunidades quilombolas norte-mineiras, a maioria está localizada nos vales dos



rios Verde Grande e Gurutuba<sup>3</sup>, que, segundo dados do Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES-2008), não foram habitados pelo povo ‘bravo’ nos primeiros séculos de povoação, por causa dos frequentes focos da malária que assolaram essa região. E, como os povos de origem africana apresentavam maior resistência a essa doença endêmica, a malária serviu como escudo protetor da ocupação desse local por escravizados (negros, índios), outros negros e grupos indígenas. A doença só foi erradicada na década de 50 do século XX, quando o território gurutubano foi ocupado por grileiros e fazendeiros.

O antropólogo Aderval Costa Filho e membros do seu grupo de trabalho (2005) elaboraram um “Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo do Gurutuba – Norte de Minas Gerais”, com base na determinação da Portaria nº 36, de 27/12/2002, do Ministério da Cultura – Fundação Cultural Palmares. Esse documento revela que o povo que ora habita aquele espaço encaixa-se na condição de “quilombola”, isto é, apresenta aspectos históricos, antropológicos e territoriais que os caracteriza como tal: ancestralidade comum, formas de organização política, social e cultural, elementos linguísticos e religiosos. Conforme nos contou a gurutubana Dona Orozina, “antigamente era um ...territoru só... .. ontis non tinha di ninguém”. (Relato verbal de Dona Orozina Ferreira da Luz).

Esse processo de reconhecimento encontra-se próximo de ser finalizado, com a emissão da Titulação definitiva pela Fundação Palmares. Em nossa penúltima visita ao território, em novembro de 2009, encontramos a equipe do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) certificando-se do cadastramento das famílias. Para Costa Filho (2005), não há dúvida de que o povo gurutubano é remanescente de quilombo e vive no vale do Gurutuba desde o século XVIII. Os relatos atestam que os nativos gurutubanos ocuparam por mais de dois séculos o imenso território e viveram praticamente isolados até o início do século passado e, mais: “considero os gurutubanos como grupo social que existe ou persiste ao longo da história como um tipo organizacional”. (COSTA FILHO, 2005, p. 46). Ele trabalha a questão da identidade dos gurutubanos no contexto regional e anuncia que

...a região em estudo conjuga pelo menos três categorias identitárias: os gurutubanos, os caatingueiros e os gerazeiros, definidos a partir de unidades sócio-naturais (o vale do Gurutuba e seus habitantes tradicionais; a caatinga e seus habitantes tradicionais, os gerais e seus habitantes tradicionais). Caatingueiros e gerazeiros se afirmam “eticamente” por contraposição. Os caatingueiros são mais “civilizados”, situados nos con-

---

<sup>3</sup> Esclarecemos que optamos por usar a grafia proposta por Neves (1908a) em *Chorographia do Município de Boa Vista do Tremendal*, por ser o primeiro historiador regional que faz menção explícita aos negros que se aquilombaram no vale do Gurutuba. Portanto, utilizaremos „gurutubano – „gurutuba e seus derivados, com „u , em todo o nosso texto. Não iremos utilizar a grafia „gorutuba , com „o , escritas nas cartas propostas pelo IBGE.



tra-fortes da Serra do Espinhaço, em áreas mais férteis, com melhores condições de produção e comercialização. Os gerazeiros vivem na encosta da Serra do Espinhaço e nos gerais, de modo tradicional, em comunidades relativamente fechadas. Os gurutubanos são a única comunidade majoritariamente negra, estigmatizada, na qual grassam a violência e a miséria. (COSTA FILHO, 2005, p. 47)

Conforme esse autor, os moradores contaram que os primeiros habitantes do vale do Gurutuba foram os índios Tapuias, mescla de um povo cafuso ou caburé e quilombolas negros; há também notícias encontradas em Santa Rita (1977), mencionadas por Costa Filho (2005), de que existiram muitos sapos denominados *karuatuba* – sapo muito grande ou sapo *kururu* – e isso motivou a criação do nome desse rio e do povo que habita tal região. Pires (1982, p. 26), citado por Costa Filho (2005), analisa a etimologia do termo “gurutuba” e aponta a versão apresentada pelo professor Álvaro Silveira, que atribui à raiz da palavra *curutuba* (cururu, sapo e tuba, Rio dos Sapos); há também a versão dada por Teodoro Sampaio em que “gurutuba” se origina de *curú-tyba*, seixal, pedregal ou rio dos seixos e calhaus. Dessas duas versões, Pires acredita que a etimologia coerente parece ser a de Teodoro Sampaio, devido à quantidade de pedregulhos e calhaus no curso superior do rio, sobretudo na região de Santo Antônio do Gurutuba, atualmente distrito de Catuti.

O território quilombola gurutubano está assentado na Depressão Sanfranciscana, na periferia da Bacia Sedimentar Bambuí, nas terras da fazenda do Ramalhudo Mártires, que tem origem na sesmaria recebida pelo Conde da Ponte, na época das capitânicas hereditárias, e fazia parte da Capitania da Bahia, compreendendo uma faixa de terras com área total de 41.124.805 hectares. Limita-se ao Norte com o estado da Bahia pelo rio Verde Pequeno e com a fazenda Aguilhadas pelo córrego Cabeceiras; ao Sul, com as fazendas Passagens e Angicos, a fazenda da Barra no município de Mato Verde, e Fazenda Raposa e Pageú, no município de Monte Azul; a Oeste, com as terras devolutas da Jaíba, nos municípios de Manga e São João da Ponte, rio Verde Grande. A medição e a demarcação, segundo Costa Filho (2005, p. 57), foi feita pelo agrimensor José Vieira de Alquimim em 1955. Os municípios onde o Território Gurutubano se situa são: Catuti, Gameleiras, Jaíba, Janaúba, Monte Azul, Pai Pedro e Porterinha.

A região do Gurutuba é considerada o maior campo negro quilombola até o momento (2010). O Território Gurutubano tem aproximadamente 5.000 habitantes, 650 famílias e compõe-se por 30 comunidades, a saber: Açude, Barra do Pacuí, Barroca, Canudos, Califórnia, Gado Velhaco, Gorgulho, Guerra, Jacaré Grande, Lagoa de Barro, Lagoa dos Mártires, Loreana, Pacuí I, Pacuí II, Pacuí III, Pé de Ladeira, Picada, Poções, Salinas, Salinas II, Salinas Maravilha, Tabua, Taperinha, Taperinha I, Vila do Pacuí, Vila Santa Helena, Vila Santa Rita, Vila São Sebastião, Vila Sudário, Vila União.

O território apresenta predominância de caatinga em três variações: arbórea, arbustivo-arbórea e arbustiva com e sem cactáceas. Associada à Floresta Estacional Decidual, a vegetação varia de arbórea de grande porte para subitamente rasteira, vegetação de transição entre caatinga e a Mata



Seca; as espécies típicas são a jurema branca, o pajeú, juazeiro, mulungu, rompe-gibão, pau preto, aroeira, jatobá, pau darco, imburana, sucupira preta, angiquinho, pau pereiro, quixabeira, umbuzeiro, entre outras espécies. Costa Filho (2005) relata que os gurutubanos não se espalharam aleatoriamente pelo espaço territorial: eles foram se ajeitando, ao longo do tempo, com base no aprendizado captado nas vivências entre eles e a natureza e, com isso, organizando seus modos de produção e relações sociais. O resultado disso mostra que a divisão do espaço foi feita de acordo com o tipo de solo em que estão localizados.

Eles dividem os tipos de solo<sup>4</sup> em vazante, capão, carrasco e furado. As vazantes comportam porções de terras que no período de cheias são alagadas pelas águas; os capões são áreas mais férteis, onde se encontram as casas dos gurutubanos. Nelas estão as hortas e as roças onde são plantados milho, feijão gurutuba e culturas como melancia, abóbora, batata doce e andu. Os carrascos são usados principalmente para a criação de animais, colheita dos frutos das árvores, plantio de plantas medicinais, caça e, dependendo do solo do carrasco, planta-se mandioca. Os complexos furados são encontrados entre as partes mais áridas dos carrascos; nessa parte do solo se acumula água na época das chuvas.

Para sua sobrevivência, os gurutubanos cultivam os seguintes produtos: milho, feijão gurutubano, algodão, cana, sorgo, mandioca, batata doce, mamona, amendoim, melancia, melão, arroz, bengô, andu; frutíferas: maracujá, seriguêla, laranja, urucum, goiaba, umbuzeiro, caju, coco, pinha, mamão, café; medicinais: alecrim, arruda, hortelã pimenta, capim cidreira, erva cidreira; hortícolas: quiabo, abóbora, maxixe, couve, alface, alho, tempero verde, jiló. As espécies de animais criadas são: bovinos, equinos, ovinos, caprinos, suínos e aves. Fabricam farinha, queijo, requeijão. A alimentação do povo gurutubano é básica: arroz, feijão, farinha e verdura cultivada no quintal, carne quando vão a uma das cidades próximas, quando sacrificam uma galinha ou pescam.

Os gurutubanos preservam práticas sociais e saberes tradicionais, guardam estreitas relações de parentesco, mantêm o mesmo modo de vida, princípios de organização e sociabilidade, com pequenas variações em termos de suas formas culturais. Para eles, a terra é patrimônio familiar e deve ser mantida indivisa, pois faz parte de um território que constitui a base de sua identidade. A endogamia (de lugar e de sangue) é bastante comum e está associada ao casamento entre primos. Quanto à questão de parentesco, a categoria de “filho particular” é singular, bastante comum, pública e notória

---

<sup>4</sup> Vazante: terra baixa e plana, temporariamente alagada, ao longo dos rios, lagoas e aguadas. 142. Capão: poção de mata isolada em meio ao campo. Carrasco: mata anã, de arbustos duros e esguios, vegetação mais ressequida e áspera do que a caatinga, carrascal e estepe. (Dicionário Larousse, 1992). Furado: corresponde a depressões que acumulam água da chuva, às vezes por longos períodos, outras, apenas no período das águas. (Costa, 2005, p. 181).



para eles. Para melhor esclarecer a categoria “filho particular”, transcrevemos o trecho escrito por Costa Filho (2005):

Há pelo menos uma categoria singular na ordem do parentesco no contexto gurutubano que merece destaque - a do *filho particular* - e pelo menos uma instituição - a *ponha* -, que associa à dimensão territorial. A primeira corresponde ao filho de uma relação extra-conjugal, que reside com a mãe. Partindo da diferença entre *pater* e genitor, tudo indica que o filho é particular porque não envolve alianças supra-individuais, não resulta em casamento; não obstante, resulta numa outra modalidade de família, constituída pela mãe e seus filhos particulares, em alguns casos filhos de pais diferentes; enquanto a mãe não se casa, reside com os filhos nas terras do seu pai.

Parece que a categoria *filho particular* desafia os preceitos eminentemente biológicos, ressaltando a dimensão cultural do parentesco, uma vez que este é acolhido sem maiores problemas pela família da mãe, caso ela seja casada. O marido da mãe assume o filho como seu e este parece gozar de certos privilégios, pois compartilha da sorte ou é herdeiro das duas famílias, uma espécie de biparentalidade. No que diz respeito ao pai, o *filho particular* goza de certa predileção entre os demais.

Esta categoria “*filho particular*”, muito recorrente no Gurutuba, que representa fator de unidade do grupo ou povo, foi fator “dissolvente” num passado não muito distante. Embora tanto antes quanto nos dias de hoje o pai contribua para o sustento do *filho particular*, falecido o pai, os seus filhos com a esposa oficial, quando da partilha da herança, raramente o favoreciam. Muito frequentemente, aqueles vendiam para terceiros as terras que lhe tocariam. Isto representou um ponto de fragmentação do território num contexto de invasão das terras por grileiros e, posteriormente, por fazendeiros, que sempre tiveram à mão recursos financeiros para aquisições ou instrumentos de pressão e expropriação das terras.

Como testemunha o Sr. Alvino, 71 anos, antigo morador da Cruz, localidade hoje dentro de fazenda e interdito aos Gurutubanos: “... quando foi em 72 nós mudamo de lá por causa desse irmão do meu pai, o véio Alexandre, que o terreno que tem lá era deles, era de herança do finado Tibúrcio. O finado meu pai era filho do Tibúrcio, mas como eles dizem né, era filho particular, não era filho do casal. Então naquele tempo o povo exigia que fosse casado, ao menos no padre, então aí tinha direito, e aqueles que era filho particular não tinha direito; o velho meu pai como era filho particular então eles deserdaram ele. Ali nós ficou morando lá, e quando chegou nessa época de 71, mais ou menos, o veio Alexandre pegou e vendeu esse local lá aonde nós morava, mas num falou nada prá nós, que a terra era deles e tal...”. (COSTA FILHO, 2005, p. 51).

A modalidade de família bastante recorrente é constituída pela mãe e seus filhos particulares e, em alguns casos, filhos de pais diferentes, mas isso não é uma questão constrangedora entre eles.





(COSTA FILHO, 2005). Segundo Silva (2008, p. 167), a unidade analítica “desenho da cultura local” é marcada pela tradição e pelo modo de vida, que estão associados a uma mesma subcategoria, a demarcação da diferença. A estrutura do Território não é uma categoria, mas sim uma unidade analítica e foi organizada em função de elementos presentes na cultura local. A relação racial aparece no desenho da cultura local e, na identidade Quilombola, associada à cultura local.

Os gurutubanos não guardam lembranças do tempo de escravidão, não sabem contar histórias de seus antepassados, escravizados fugidos, dos tempos remotos da escravidão, nem mesmo dos embates que demarcaram suas diferenças e relativo isolamento:

**Doc.** e cê sabe a história?

**Inf.** ué...

**Doc.** da ligação com a escravidão...

**Inf.** mais ô menus pucausa que a genti... as pessoas mais velhu os antepassadu que já já faleceu.... até que antes num contava muito história pra pra gente assim não né... que ninguém nem esperava... assim acontecê o que aconteceu né... que a gente sê reconhecidu e sabê que a gente era... era remanecente de quilombu que era uma comunidadi quilombola ninguém nem esperava que... não... ninguém cumentava que não sabia... vei descubri através do antropólu pelo do grau de parentescu foi que vei descubri que era comunidadi quilombola... (Relato verbal de Faustina Soares Santana).

Esse processo de esquecimento, segundo Costa Filho (2005):

Ou se trata de amnésia estrutural, nos termos propostos por Lévi-Strauss (1970), ou devemos nos remeter ao que Rousso (1989) (*apud* Woortmann, 1998) entende por “memória enquadrada”, onde a negação ou o silêncio é um esforço de justificação e evitação do estigma, isto é, um esforço de integração legítima dos descendentes daqueles homens numa ordem moral. (COSTA FILHO, 2005, p. 49).

As famílias organizam-se em terrenos pequenos: são glebas de terras por família, cercadas por arame farpado ou liso, com entradas em cancelas e “passa-um”<sup>5</sup>; conforme relato de Faustina. Antes era um território apenas, não havia separação, tudo era de todo mundo e “[...] hoje... hoje já tá separadu cada um tem o seu pedaçu tem uns que tem seu loti ôtos tem duas hectárea... tem uns que tem hum hectárea... os que mais tem tem dez hectárea... é assim...” (Relato verbal de Faustina Soares Santana).

A Comunidade de Picada, considerada uma das mais carentes, é uma das trinta comunidades

---

<sup>5</sup> Cerca de madeira em forma de ‘s’, bastante estreito para a passagem de apenas uma pessoa de cada vez. Tem como objetivo impedir que os animais passem por esta divisória e entrem em áreas proibidas (terrenos alheios, roças, hortas, terreiros de c



que fazem parte do denominado “Território Quilombola Gurutubano”. Esclarecemos que a maioria das características descritas sobre essa comunidade são encontradas nas demais. Picada tem cerca de 380 habitantes distribuídos em 58 famílias no espaço de 47 mil hectares. A renda familiar gira em torno de meio salário mínimo, sendo 99% dos habitantes remanescentes de quilombos. Há 58 casas espalhadas, bem próximas umas das outras. Pode-se deslocar a pé, cortando caminho por estradinhas tecidas no meio do mato, passando dentro das terras das minifazendas, ou pela estrada de terra que corta toda a comunidade, desde o terreno da primeira família, na entrada, considerada como parte de baixo, até o da última, considerada como parte de cima. A segunda opção de estrada separa os terrenos familiares de um lado ao outro; fala-se que há família que mora do lado de cá da estrada e outras do lado de lá, dependendo do lugar em que se está fixado. A distância da primeira minifazenda até a última fica em torno de dois quilômetros, havendo uma distância, em média, de dez minutos entre uma minifazenda e outra, sendo que, às vezes, basta atravessar a estrada (direita à esquerda ou vice-versa) que se chega a outro terreno familiar:

[...] as casa aqui da comunidade tem casa que é distanti da outra até... tem distança de de de cinco de dez metru né que um loti inscostadu no ôtru... distança de dez metru distança de oitu metru... vareia né... tem ôtras qué mais distanti até mil metru dois mil metru aquelas que são mais distanti uma na outra são aquelas que:: eles... é é o terrenu deles né... ai vamu sipô eles têm um terrenu aí com com uns cinquenta metru de de de largura oliás até mil metru de largura né... então esses lugá as casa são mais distanti mas aqueles que não têm a terra tem só os e loti as casa são uma pertim da ôtra é distança de dez metru... de oitu metru... (Relato verbal de Faustina Soares Santana).

As moradias: “[...] umas são de tijolu... ôtras são de adobru né... o adobru é um tijolu cru que eles que faz aqui mesmu na comunidadi e::: tem umas tamém que aparece alguma casa que é de madeira... de pau-a-picu...” (Relato verbal de Faustina Soares Santana). A maioria delas ainda é de pau-a-pique, e outras de adobe possuem no máximo quatro cômodos – sala, 2 quartos e cozinha – separados por paredes baixas. Muitas famílias estão trocando suas casas por construções de alvenaria, por instruções de agentes da saúde, para diminuir a presença de “chupão” (barbeiro), entre outros insetos causadores de doenças.

Há carência de serviços básicos: o lixo é jogado nos fundos dos quintais, nas ribanceiras situadas próximas ao leito dos rios Gorutuba, Picada e Salinas; muitas casas ainda não possuem banheiros e os moradores fazem suas necessidades fisiológicas no mato próximo às suas casas. A água usada para beber é filtrada em velas de talhas de barro; a maioria das famílias lava roupa nos rios próximos da sua moradia.

O relato feito por Silva (2008), citado mais adiante, foi experienciado por nós, quando visitamos a comunidade quilombola de Bom Jardim da Prata em 2005 (localizada em São Francisco/MG), a fim de coletar dados para outra pesquisa. Confessamos que para nós foi singular e bastante rica a visita ao





local, por nos ter provocado reflexões sobre valores morais, e por evidenciar o conflito entre necessidades humanas básicas e as supérfluas. Nossa participação, promovida pela visita, se confrontava com a omissão dos governantes e demais pessoas, diante de diferenças extremas. Perguntamo-nos, então, o que pensariam eles, diante da nossa maneira de viver em casas e apartamentos onde cada um é proprietário da sua suíte, com um banheiro social, outro para os empregados, um lavabo e, na cobertura, uma ducha e outro banheiro? Como eles veriam isso se comparassem suas casas às nossas, quando naquelas o banheiro de “tomar banho” dista uns 10 metros de suas casas, e esse banheiro é um cercadinho de madeira, com mais ou menos um metro e meio de altura e espaço para uma única pessoa? A cobertura desse banheiro é o firmamento bastante estrelado e iluminado pela lua cheia que se reflete nas águas do São Francisco, cenário do qual nós habitantes da cidade não desfrutamos. A água natural vem do rio São Francisco, por um cano e, não há chuveiro, o chão é forrado de pedras.

Silva (2008) nos conta caso semelhante vivenciado por ela em uma das comunidades no território gurutubano:

[...] em Taperinha, a hora de banhar é por volta de 16:30, hora que o sol está em uma temperatura agradável. As pessoas tomam banho atrás da casa de adobe que o Sr. Nicolau estoca suas coisas, como amendoim, gasolina e outros artigos ou no quintal, onde tem um cercado de madeira coberto por lençóis, coloca-se uma bacia de alumínio com água e uma caneca para despejar a água no corpo, se for à noite toma-se banho no meio do quintal, debaixo da torneira. A água é sempre morninha, mesmo à noite, porém, a noite venta muito e faz frio, fato que não minimiza a beleza e a sensação gostosa de tomar banho ao ar livre, debaixo do céu carregado de estrelas. (SILVA, 2008, p. 123).

A força de trabalho no gurutuba caracteriza-se pelo trabalho temporário, sem vínculo empregatício formal, principalmente entre o período de outubro a janeiro, com pico em dezembro, que é o período chuvoso de plantio e colheita de arroz, milho, feijão e outros produtos. Os habitantes que ficam no território, isto é, não saem para trabalhar fora, no período da seca, trabalham para os fazendeiros, plantando capim, na carvoeira ou como vaqueiro. Segundo os moradores, a terra é boa, o que falta é orientação e suporte para desenvolverem a agricultura. A venda de trabalho é outra forma de sobrevivência usada durante o período de estiagem, como meio de complementação da renda; o trabalho sazonal e as imigrações temporárias (às vezes definitivas) contribuem para a diminuição da pressão sobre a terra escassa, além de instaurar redes sociais de reciprocidade, ligadas à ordem do parentesco e do compadrio. Segundo Costa Filho (2005, p. 55), “todas as famílias gurutubanas têm um parente que reside em cidades próximas – Janaúba, Jaíba, Matias Cardoso, Montes Claros, senão distantes - Belo Horizonte, São Paulo, Brasília”.

As mulheres têm o cartão do *Bolsa Família* cujo valor varia entre R\$ 50,00 e R\$ 95,00; poucos homens possuem esse cartão, segundo relatos dos moradores. Isso é uma medida de prevenção para que o recurso seja usado adequadamente, pois o governo julga que as mulheres desempenham melhor tal



tarefa, enquanto os homens são mais displicentes e, às vezes, usam a verba com bebidas, cigarros etc.

Há muitas pequenas vendas no território gurutubano, onde se comercializam balas, bolachas, sal, arroz, cachaça, refrigerantes, fósforo, feijão, farinhas, cerveja etc. A venda serve também de ponto de encontro dos homens, no início da noite, para tomar bebidas e colocar a prosa em dia. A maioria das coisas de que eles necessitam, e que não são produzidas lá, é comprada em Pai Pedro, Porteirainha, Janaúba, Mato Verde, Catuti, Monte Azul, cidades que distam em torno de duas a três horas, dependendo da comunidade. O transporte coletivo existe com destino a Janaúba, Pai Pedro e Monte Azul. O ônibus circula pelas comunidades, recolhendo passageiros entre 05 e 06 horas da manhã e retorna no mesmo dia às 17 horas. O transporte para os lugares onde os moradores precisam resolver problemas de banco, saúde, cartório, correio, compras de roupas e calçados, além de ser bastante precário, tem um preço de passagem não condizente com o salário dos moradores ou com o serviço oferecido.

Os moradores estão praticamente isolados, visto que não há telefone público e os telefones móveis com *chip* quase não funcionam, pois não há antena geradora de sinal no local. O telefone mais próximo da comunidade fica na Vila Sudário (pertencente ao quilombo do Gurutuba) e está localizado a uns 20 minutos de ônibus.

Os idosos são aposentados e recebem seus benefícios em Monte Azul e/ou Porteirainha, pois o município de Pai Pedro não oferece esse serviço; eles pagam passagem com preço elevado para ir buscar a aposentadoria. Lá, a Lei do Passe Gratuito para Idoso não é aplicada, porque o ônibus é de propriedade particular e o proprietário não cumpre a lei. O deslocamento dentro do território é feito por motocicletas, cavalos, charretes ou a pé.

Quanto à educação, há em quase todas as comunidades uma escola de primeira a quarta série, que possui uma única sala com uma turma multisseriada pela manhã (1ª e 2ª séries), e outra, também multisseriada, à tarde (3ª e 4ª séries). A sequência dos estudos (5ª série até o Ensino Médio) é oferecida pela escola da comunidade da Vila Sudário, que atende aos adolescentes e jovens das comunidades de Taperinha, Gorgulho, Califórnia, Açude e da própria Vila Sudário. Os estudantes são levados à escola gratuitamente pelos dois ônibus da prefeitura.

Apesar de já ter professor habilitado para a Educação Infantil nas creches e de 1ª a 4ª séries, os professores que ministram aulas nas escolas das comunidades não são do território: vêm da área urbana, da sede da comunidade e de outras cidades. Em uma de nossas visitas ao território, fomos à escola de Ensino Médio para conversar com professores e alunos sobre o ensino de língua materna e de língua estrangeira. Observamos, aleatoriamente, que se apresentam alguns problemas, como a distância entre o perfil dos professores de línguas e o alunado gurutubano: há certa incoerência entre a proposta de ensino dos professores e as necessidades da comunidade estudantil; constatamos também a falta de diálogo entre professores e alunos: o professor diz que os alunos “adoram” as aulas, enquanto os alunos contam que odeiam as aulas; o professor diz que há continuidade do conteúdo de uma série para outra, enquanto os alunos afirmam que não entendem o que o professor fala. Segundo



depoimento do professor de língua inglesa, seu trabalho se desenvolve com livros didáticos, músicas, jogos e com a realidade vivenciada pelos alunos e a avaliação dos alunos é feita por meio de provas e de sua participação em sala de aula. Alguns alunos relatam que as aulas de inglês são difíceis, e que o professor não consegue demonstrar o objetivo para se estudar a disciplina; afirmam não entender o que o professor diz e que não têm aulas diferenciadas.

Já o português tem uma melhor aceitação por parte dos alunos, pois eles afirmam entender o que a professora fala. Em conversa informal com uma jovem professora de língua portuguesa do Ensino Fundamental, indaguei-lhe se ela percebia que os alunos falavam um pouco diferente, palavras com terminações diferentes das nossas; ela respondeu que sim, e que ela dizia para os alunos que aquela maneira de falar era errada, pois se tratava de um problema da linguística; que eles esquecessem aquela maneira de falar errada, pois a partir daquele dia, ela iria ensinar a maneira correta. Na verdade, os gurutubanos já estão desconfiados de que a variedade do português brasileiro usada por eles é feia, errada: pudemos ouvir um corrigir o outro na presença de pessoas ‘não gurutubanas’. São correções feitas por jovens, de uma maneira bastante negativa, gerando mal-estar e inibições em adultos e idosos, que se afastam mudos, cabisbaixos.

Em novembro de 2009, conversamos com o gurutubano, Sr. Donato, professor de língua portuguesa de Ensino Fundamental e Médio, graduado e com especialização em linguística, professor de francês, comentarista e falante do dialeto gurutubano em um programa de rádio FM diário – “Torre FM”, às 17 horas. Dentre muitos “causos” contados por ele, relato este sobre o “Guru errado”. Segundo o Sr. Donato, ser gurutubano e/ou falar gurutubano sempre foi considerado feio, errado, dialeto usado como maneira de humilhar os falantes. Sempre que passava um gurutubano, eles falavam: “\_Olha o gurutubano!”. As pessoas negam e ainda procuram esconder a identidade gurutubana. Ninguém na cidade comenta sobre o passado, ou contam histórias que venham a denunciar a origem gurutubana, sendo que toda a região de Janaúba era gurutubana. Quando os gurutubanos chegavam à cidade de Janaúba para fazerem compras, eram criticados, desrespeitados e usados em brincadeiras humilhantes. Contou-nos o Sr. Donato que uma das brincadeiras era a do “bilhete”. Quando o gurutubano chegava numa venda, pedia alguma mercadoria e esse produto não existia, o vendedor escrevia um bilhete e entregava para o gurutubano, orientando para que ele levasse até a próxima venda. Assim, ele andava por toda a cidade de Janaúba e todos rindo dele, sem que ele compreendesse o motivo. Certa feita, um deles, em companhia de um filho que morava em São Paulo e estava em férias no quilombo, foi fazer compras em Janaúba e, como sempre, aconteceu a “brincadeira” do bilhete. Assim que o pai recebeu o bilhete, o filho, já escolarizado, pediu ao pai o papel e o leu. O conteúdo do bilhete – “Empurre este besta mais prá frente” – provocou desavença ferrenha, entre filho e vendedor, quase culminando em assassinato. Sr. Donato diz: “mais comu u gurutubanu toda vida foi muintu valenti...muintu brutu iguinoranti mesmu... brigava mesmu i matava..elis naum tinha dó mesmu..aí eles fizeram um com um cara aqui... u cara trôssi u facão cum êle... um delis lá i quasi cortô nu facão foi que parô...intãum



essi tipu di humilhação... a genti sofreu...”

Ainda, quanto ao aspecto linguístico, Costa Filho observou que “Os gurutubanos apresentam um variação fonética: trocam o ‘a’ por ‘o’. Amante pronuncia-se *omonte*, apanha pronuncia-se *ponha*, ocorrendo supressão da vogal, quando a palavra começa com a letra ‘a’. A troca de vogais parece recair sobre as duas primeiras sílabas”. Isso nos foi informado pelo Senhor Donato, citado por Costa Filho (2008, p. 146), gurutubano e professor da rede pública de ensino na cidade de Janaúba:

Um dos aspectos que caracterizam o Gurutubano de hoje é a linguagem. O gurutubano substitui o fonema [ã] por [õ] e esse som nasal é bem fechado mesmo; ele fala *momõe*, *momõe é contora*”, do verbo cantar. Quando eu estudei, eu até hoje tenho dificuldade de comunicação por isso; porque meus pais são analfabetos. Então, quando eu fui pro colégio eu tinha a maior dificuldade, porque lá eu não podia usar a linguagem daqui; os colegas me matavam, criticavam; e aqui eu não podia usar a linguagem de lá. Eu não podia chegar em casa e falar assim, “nós vamos hoje”, não; eu tinha que dizer “nós vai hoje”. Então eu falava uma linguagem lá e outra aqui. Lá eu era criticado e aqui faltava apanhar. Um dia disseram assim: “Tá bom de tirar esse minino do ginásio, que esse minino tá com uma ponta de língua que Deus me livre, ninguém aguenta esse minino com essa ponta de língua!”. E isso me intimidava sabe, e eu ficava “meu Deus, como é que eu vou fazer?”. Aí juntava todo mundo “É mesmo mõe, é mesmo, tem que tirar mesmo”, e eu morrendo de medo né, porque eu fui o único da família que consegui estudar. Também no linguajar gurutubano não flexiona o verbo, só o *eu* que muda né, porque os outros não variam... *eu vou, ele vai, nós vai, nós come, nós bebe, nós faz*. Tudo é uma coisa só, não tem flexão. Em termos de tratamento é *ancê*. *Ancê* é um tratamento de muito respeito. A gente tomava benção dos mais velhos e perguntava “como é que vai ancê?” Se falasse *você*, ah, Deus me livre. Era motivo de apanhar. Era *ancê* eu vou lá na casa de *ancê*. (Relato verbal do Sr. Donato, citado por COSTA FILHO, 2008, p. 146).

O exposto acima sobre educação e ensino-aprendizagem de língua mostrou-nos claramente o despreparo dos professores do Curso de Letras para formar um profissional para o trabalho com este contingente heterogêneo de alunos; há uma premência para se estudar a *Lei Federal 10.639/03: Educação das relações étnico raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira e africana e o ensino de línguas portuguesa em comunidades étnicas*. Diante disso, nos perguntamos: se os gurutubanos falam uma variante do português brasileiro que possui aspectos linguísticos diferenciados das demais variantes, como, por exemplo, a ausência categórica de concordância verbal de número e pessoa, de concordância nominal de número; o uso da vogal /o/ em contextos nos quais, usamos a vogal /a/ e vice-versa; uso da vogal /e/ em contextos nos quais usamos a vogal /o/ e vice-versa; entre outras particularidades; “como deveríamos trabalhar o ensino de língua portuguesa nesse território?” “que instrução deveríamos dar aos alunos e demais falantes sobre a variedade usada por eles?” “e qual



seria a habilitação necessária aos professores de todas as disciplinas do Ensino Fundamental e Médio que trabalham com este tipo de comunidade?” “que variedade da língua eles devem considerar, enquanto língua materna?” “seria essa uma comunidade bilíngue?”

Constatamos a existência de creches que recebem as crianças, das 07:30 às 16:30 horas, enquanto as mães trabalham. Nelas as crianças estudam, brincam e são alimentadas e ao lado dessa creche, encontramos um salão comunitário, onde acontecem as reuniões para se discutirem questões relacionadas à comunidade. Esse salão é utilizado também por interessados em aprender a bordar (ponto-cruz, vagonite), tecer crochê, costurar, pintar; as professoras-instrutoras dessas artes manuais vêm de Pai Pedro uma vez por semana.

Em relação à saúde, não há unidade no local: os necessitados de atendimento médico se deslocam até a comunidade mais próxima que oferece tal recurso, em geral, é a Vila do Sudário, distante duas horas a pé e 15 minutos de carro. O atendimento médico na Vila Sudário é feito de 15 em 15 dias; são atendidas apenas 8 pessoas agendadas previamente por um agente da saúde. O índice de desnutrição infantil em crianças de 0 a 10 anos é bastante alto. Ainda prevalece o papel da parteira local, que é desempenhado hoje por Deoclécia, Orozina e Dienilza.

Quanto à questão da religiosidade, com exceção de dois moradores, o restante do povo gurutubano é católico, mas não pratica a religião mais como antigamente: não há visitas de padres, não se celebra mais o culto dominical como era de costume e o salão construído para a realização de cultos, novenas e outros encontros religiosos encontra-se abandonado. A religiosidade apresenta elementos de práticas rituais *bantus*, concepções e práticas do catolicismo popular, como o batuque, a folia de reis, as novenas, São Gonçalo, benzimentos, entre outras manifestações. O santo de maior devoção dos gurutubanos é São Bento – protetor dos recursos naturais e mestre das batucadas –, Nossa Senhora da Saúde – que traz paz, prosperidade nas colheitas –, Nossa Senhora Aparecida e do Livramento e Santo Antônio. Eis, a seguir, dois relatos retirados da tese de Costa (2008) que retratam a relação entre a religiosidade, a percepção do ambiente, também aplicadas às práticas produtivas.

...O sorteio de São João é assim: ocê escreve o nome do mês num papelim e põe sal em cima, mês das águas né? Outubro, Novembro, Dezembro, até Janeiro; aí você escreve os nome, põe os papel com os nome dos mês escrito e põe um pouquinho de sal em cima dum nome, e vai e põe outro sal em riba do outro nome do outro mês; deixa passar a noite, aí, aquele mês que aquele sal derreter e tiver moiado o papel, aí você pode saber que tem chuva, já aqueles que não chove fica sequinho, não móia não ... (Relato verbal do Sr. Mariano).

O Seu Mariano, de Gado Velhaco, apresentou outra prática divinatória da chuva, transcrita a seguir:



E na fogueira também cê enche a garrafa d' água, enterra e faz a fogueira em cima, aí no outro dia cê vê, cê não pode enchê a garrafa, deixa ela abaixo do ombro, por ali, aí se aquele ano for bom de chuva ela termina de enchê. Também se ocê tivé, naquela época de calor, quando tá perto de chovê cê pode enchê um copo d' água e pê ele assim; cê pode panhá ele e deixa ele aqui, cumpouco cê vê ele assim... Se a água subi e derramá, aí é sinal de chuva. (Relato verbal do Sr. Mariano).

No campo da religiosidade, ainda há as benzedeadas que socorrem as mazelas da saúde, desde os bebês até os idosos, com rezas e chás feitos de plantas cultivadas em pequenas hortas caseiras, ou de casca de pau do mato; sendo elas: Cirila e Deocleciana. Silva (2008) acrescenta que a “véia” Agapita também faz parte do grupo de rezadeiras e das benzedeadas do território:

D. Agapita benzeu-me na cozinha de sua casa, sentei-me em uma cadeira, ela olhou em meus olhos, perguntou o meu nome e respondi a ela; segurando na mão direita ramos de aroeira colhidos em seu quintal perpassou-os pelo meu corpo em movimentos similares ao sinal da cruz, ao mesmo tempo murmurava uma reza; num certo momento pediu para que eu me levantasse e ficasse de costas para ela, os ramos continuaram perpassar pelo meu corpo como se estivessem varrendo uma possível sujeira em mim, depois de terminar a varredura, disse: “Deus que abençoe!”, respondi-lhe: “Amém!” (Relato verbal da Sr. Agapita, citado por SILVA, 2008, p. 149).

A prática de benzer é comum no território, a seguir transcrevemos uma oração de benzimento narrada por Dona Cirila Cardoso, 72 anos.

Oração contra Quebranto

Eu ti benzu Socorro  
di quebranti i oiadi  
di oi ruim madiçua di.

Cum dois ti pois  
cum treis eu ti tiri.  
Cum a divina providença,  
quem ti oiá puh mau oi  
oi iscumungadi oi riviradi

Assim cuméssa cheia  
vem di cima pa baxi  
mas tomém essi quebranti  
é di saí da sua tripa  
decê ri abaxi  
escapá pelo chon





pelas água du maru  
nem contu di galu  
nem contu di galinha

Meu filu,  
quem tcivé oi ruim  
que tci oiá puh mau oi  
eu peçu nossu s)ô Zezus Cristu  
tirá êchi mau oi que tivé cheu coirpi  
e jogá pelas onda du maru

Assim cuméssa chêa  
vem di cima pra baxi  
non dexá essi quebranti entchá nas tripa  
num dexá nem prudecê  
nem madurá  
cava e pelo chon  
escapá pelas água

Pelus puderi di Deus  
da vigi Maria,

Amém . (Relato verbal de Dona Cirila Cardoso).

As ladainhas são cantadas lentamente e traduzem o sentimento de fé e a devoção. Dedicase uma ladainha para cada santo, seguindo uma ordem de abertura do bendito seja – reza fervorosa –, o oferecimento e o fechamento de toda a reza, agradecendo a Deus, Maria Nossa Senhora, Jesus e ao santo do dia. Vejamos um relato que Silva gravou, a história de Bom Jesus: “D. Maria falou que Bom Jesus fica dentro de um quarto, em cima de uma pedra e ele não aparece para todo mundo não; as pessoas de mau coração só vê os quadros dele que estão lá na igreja”. Ela relatou-me a seguinte aparição do Santo:

É. Lá ele é sentado numa pedra, aí uma muié diz que foi visitá ele e tava com um minino na mão, aí ela pegou o minino e sentou na janela e tem o rio, oh minina! Oh rifunzo! Aí...rsrsr, essa muié não sei como que foi deixou esse minino deu um pinote dentro d'água... Aí ela gritou por Bom Jesus, aí o minino ficou boiado em cima da água, aí chegou os canoeiro, panhou o menino e pôs dentro da canoa, saiu pra fora. Ce vê que o Bom Jesus tem milagre! (Relato verbal de Dona Maria Rocha dos Santos, 78 anos, citado por SILVA, 2008, p. 147).



Dona Ilda, moradora da comunidade de Salinas contou a história da santa de Janaúba:

oia.. a sonta... elis qui conta... ês ranjaru ela lá... dendu du matu nua cabicinha di tocu... ai... elis arranjà.. ponhô i levô pá igreja di Jonaúba... aí... quãnu ma)ceu u dia.. ela num tava êlis tornô vim pá vê nu lugá.. éla tava... panhô... tornô levá... quãnu mã)ceu u dia... ela tava ai êlis construiu a capela... nu lugá i num rancô u tocu carranjô ela naum... i êlis fez u artá.. u arta tá lá... é feito di taba... qui podi arribá diz qui u arta qui tá lá... u tuquim... qui pozi éla tá lá té hoji... (Relato verbal de Dona Ilda Maria da Silva - 59 anos).

Ainda no campo da religiosidade, comentamos sobre o ritual de despedida de um ente querido. São momentos de tristeza profunda, não apenas para a família mais próxima, mas também para toda a família gurutubana. Durante todo o velório acontecem rezas, ladainhas, lamentações chorosas e distribuição de comidas e bebidas. Após o velório de 24 horas ou mais, o corpo é levado e sepultado no cemitério comunitário.

Dedicaremos os próximos parágrafos desta seção aos aspectos do artesanato feito pelos gurutubanos. Além da beleza da arte da tecelagem praticada por homens e mulheres gurutubanos, as gurutubanas costuram, fazem bordados variados e tecem crochê. É tarefa dos homens o fabrico artesanal e ritualístico do cordão de São Francisco, usado amarrado à cintura do morto. Esse cordão é usado pelo morto para combater os maus espíritos durante a trajetória da alma até seu destino, após a morte. Segundo contou-nos Paulo, atualmente, esse ofício é de obrigação do Sr. João, que se encontra idoso, e já está transmitindo essa tarefa para ele:

**Inf.** ...ieui aprendi muita coisa com elu... entendeu?! ...ieui num sabia rezá crendeupai... aprendi cum elu... nós fazenu cordãu di São Franciscu.. ieu vi elu rezá duas vês e aprendi... a genti vai rezanu u crendeupai qui u padri usa... aquelu qui vai batizá... pá interrá... aí entãu... isturdia...

**Doc.** E como é que faz o cordão?

**Inf.** ah... tem qui tê a l)a fiada nu fusi ingual Dona Erosina tava i xplicanaí... agora tem us novelãu di l)a... agora cê vai disfianessa l)a cumu daqui naquele pé di juá... vai disfianu i elu cum cãbãuzim i agora u otu rezanu... né... pá fazê aquelu cordãuzim... (Relato verbal de Paulo Ferreira).

Traçaremos uma breve história do artesanato no Brasil a fim de compreender os caminhos percorridos pelas artes praticadas pelos gurutubanos, principalmente, a arte de fiar e pigmentar tecidos. As origens história do artesanato é milenar, remetendo ao período neolítico (6.000 a.C.), tempo em que o homem aprendeu a polir a pedra, a fabricar cerâmica e a tecer fibras naturais. No Brasil, quando os portugueses aqui se aportaram, já encontraram o artesanato indígena: a arte da pintura utilizando pigmentos naturais; fabrico de cestarias e da cerâmica, a arte plumária aplicada em roupas, cocares e ornamentos; a arte dos trançados feitos de cipós, talos e outros vegetais; a arte de fiar o



algodão. Podemos afirmar que o artesanato no Brasil é o resultado de tradições indígenas, somadas aos aspectos culturais que chegaram a nós via colonização. Dessas formas de artesanato mencionadas, comentaremos a seguir sobre a técnica da tecelagem gurutubana encontrada por nós no fundo do quintal de Dona Vila.

A dificuldade para adquirir produtos industrializados foi um dos fatores que fez com que a produção do algodão se tornasse uma das principais culturas no início da colonização. Isso deu origem à formação de uma variada indústria caseira de produção de fios e tecidos grosseiros, mas abundantemente coloridos pela técnica de uso de pigmentos naturais. A atividade era totalmente rudimentar, desde o plantio do algodão cru e ganga, passando para a fase da colheita, depois o descaroçamento em uma máquina manual própria para isso; posteriormente, o algodão era cardado (penteado) e, por último, fiado; o tingimento dos fios era feito com a utilização de cascas e raízes como o Anil (azul), a Sandra d'água (vermelho), e a Caparosa com pau-brasil (preto). Praticamente, toda casa tinha uma roda de fiar e um tear tosco de madeira, pois, era necessário confeccionar roupas de cama, mesa, banho, vestimentas para indígenas, negros e caboclos. É certo que os tecidos produzidos em teares manuais eram destinados aos pobres, além dos escravizados e indígenas.

Devido à proibição da confecção têxtil decretada por Dona Maria I, rainha de Portugal, em 1785, essa atividade ficou acantoadada em poucas regiões interioranas do Brasil. A região Sul de Minas Gerais é onde podemos encontrar tapeçarias confeccionadas em tear de pedal e ainda onde se usa o tingimento natural dos fios. O restante das famílias brasileiras que viveram essa tradição abandonou a arte e os teares ficaram acantoados, sendo usados como peça decorativa, ou estando abandonados pelos quintais. E foi em um dos quintais das casas gurutubanas, no período da nossa coleta de dados para a pesquisa da tese, que nos deparamos com um tear jamais visto em outro lugar, nem por meio de fotografias garimpadas em museus nacionais e internacionais. Para nós, o tear se trata de uma raridade vista em funcionamento na casa dos gurutubanos Dona Vila e seu esposo, no quintal onde eles ainda confeccionam tecidos que são vendidos por insistência dos visitantes que ali passam e se encantam com a beleza extraordinária dessas peças.

Outra surpresa, entre tantas, foi também descobrir que o processo de tingimento do tecido descrito, no geral pelas gurutubanas e, minuciosamente, por Dona Tomázia é o mesmo usado pelos africanos. Segundo os africanos, a arte de tear é a mais antiga do mundo, na qual se usam três tipos principais de tecidos: o *Bogolan*, o *Khorogo* e o *Kubá*. Esses tecidos são confeccionados para marcar ciclos importantes da vida das pessoas ou das aldeias. São usados em vestuário e tapetes e servem de moeda de troca. Em algumas etnias, os homens tecem e as mulheres cuidam do tingimento dos tecidos. Segundo eles, os tecidos de algodão são tingidos com argila e pigmentos naturais extraídos de folhas, frutos e cascas de árvore.

*Bogolan*, que significa tecido de lama, é uma tradição estabelecida há tempos entre os Bambara, etnia majoritária do Mali. A produção dos *Bogolan* envolve um processo único e longo em que a



matéria-prima é o tecido de algodão branco confeccionado em tiras estreitas por homens locais em tear duplo. As tiras são cerzidas juntas na forma do pano desejado pelo usuário. O tingimento tradicional é feito apenas por mulheres e, a técnica, passada de mãe para filha. A peça é lavada em água e colocada ao sol para secar para que encolha ao seu tamanho final. Depois, o tecido é embebido em uma solução marrom e uma solução amarela extraída da maceração de folhas de várias árvores e posto para secar ao sol. O tecido está pronto para a aplicação dos corantes naturais extraídos da lama. O barro coletado em lagos e poças é deixado fermentar por alguns meses em um pote coberto, adquirindo ao final de um ano a cor negra.

Abaixo, o relato da Dona Tomázia sobre o processo de tingimento do tecido, após ter sido confeccionado por eles e transformado em vestuário:

**Inf.** é... ..ieu era assim ó... a ropa minha fui criada vistini ropa di agudão vistini ropa di agudão essi quera ropa minha... agora fozia aquela soia fazia a camisa i agora a soia nós tirova ua casca dum pau qui tinha nu mundu qui agora non tem mais qui us fazenderi já cabô tudu qui chomava essi::: carmôsi... cunziava eli na panela i agora dexova isfiriá i tacova a soia dentu daquela água i agora inha paquetas lagoa qui condu chovi tem aqueas lagoinha assim.. ai agora chegova lá.. abria a soia assim óh... i ai agora torova aquela loma i passova tуди assim naquela ropa ó... passova tуди assim tirova a loma lá na agoa i passova tudassim ó.. passova tudu tudu tudu tudu...

**Doc.** pra que?

**Inf.** pra ficá preta i agora dexova ela... condu non imbolava ela assim abria lá nu solu condu fossi di tardinha inha tirá ela lavova ela batia trucia botova lá pa inxugá tornava calocá na tinta travezi i ai agora tornava dá aquela loma condu dessi uah treis loma ai agora é qui tirova a soia ficova priti:::nha

**Doc.** e não perdia a cor mais não?

**Inf.** não.. não.. não... non pirdia non.. eu fui criada assim éh... bermuda eu nunca usei non... nunca usei ua bermuda ropa minha tуди eu queru éh::: mia soia.. éh:::... (Relato verbal de Dona Tomázia Soares)

## MULHERES, HOMENS E CRIANÇAS GURUTUBANAS

Comentaremos nesta parte, de maneira geral, algumas características peculiares aos gurutubanos (homens, mulheres e crianças), escrevendo também sobre duas líderes gurutubanas natas de grande influência no território gurutubano, Dona Tomázia e Faustina.

As mulheres se reúnem para bater papo, chorar suas necessidades, ouvir conselhos, trocar ideias e pedir auxílio à moradora mais velha da comunidade: Dona Tomázia. Mãe e avó de todos que



respeitam sua figura, e os mais novos pedem a benção. Percebe-se, com base em conversas e perguntas diretas, que há harmonia e tranquilidade quanto ao relacionamento de todos os moradores da comunidade.

Faustina Soares Santana é filha de Emídio de Souza Correia e de Albana Soares Santana, tem três filhas (Luciene, Neuza e Dirlene) e é avó de sete crianças. Foi criada por Dona Tomázia desde criança até os dias de hoje. Com seus 45 anos, Faustina é líder nata, responsável pela saúde e por outras questões do seu povo; é respeitada e querida pela sua gente: “(...) quessas coisa é cumadi Fostina ela mexi quessa luta né... é gentu boa demais... é cumadi di responsabilidadu... cumadi Fostina... posé ela... né... sempu falanu e nois cumpreindenu qui nor tudu tem di acordi atendê o quela fala né... é a chefe...” (Relato verbal de Afonso Pereira de Aquino).

Desde muito jovem, Faustina luta pelos direitos e pela melhoria, não só de sua comunidade, como também pelo povo do seu território, pois, conforme relato consensual dos moradores de Picada, “antigamente a comunidade era uma só, tudo era de todos, era só negros que viviam na terra, não havia cercas e nem se sabia qual era o limite do terreno”. Ela consegue atendimento médico, remédios e outras necessidades do seu povo junto às autoridades políticas na cidade de Pai Pedro, Porteirinha, Monte Azul e Jaíba, por ser bastante entendida das Leis e possuir auxílio de pessoas que se preocupam com a questão dos menos favorecidos no Brasil. Viaja constantemente para essas cidades e também para Montes Claros e Belo Horizonte. O território possui um carro (Fiat-Uno) cujo ponto fixo é na casa de Faustina. O carro se desloca diariamente, levando os necessitados de atendimento à saúde, a questões bancárias, de compras em cidades próximas, de visitas aos parentes por motivo de doença, ou outros motivos, a comunidades mais distantes no território. Ela possui um celular que serve a todos do território: quem quer ligar para qualquer lugar, em caso de necessidade, vai até a casa dela, ela faz a ligação e a pessoa conversa; através dela os moradores recebem e enviam notícias dos familiares que moram e/ou estão temporariamente fora do território (Jaíba, Belo Horizonte, Montes Claros, Monte Azul, Matias Cardoso). Todo esse movimento é organizado por Faustina, ela é o socorro e esclarecimento para seu povo junto ao mundo externo. Qualquer visita de outras comunidades do território, e/ou de outras cidades que chega à comunidade de Picada, hospeda-se na casa dela; qualquer pessoa que passa pela casa dela, a qualquer hora, recebe o que for necessário (café, almoço, água, banho etc.).

Das características peculiares aos gurutubanos salientamos que, em geral, as mulheres gurutubanas são magras e bem vaidosas, pintam as unhas, não manicuradas, com cores fortes; usam roupas bem coloridas, usam muitos colares, brincos, enfeitam-se bastante, trazem os cabelos naturais penteados em coques, vários rolinhos/trouxinhas, trançados variados (meio, lateral, base da cabeça), algumas usam lenço estampado amarrado em torno dos cabelos; as adultas (faixa etária abaixo de 40 anos) e as mais jovens usam longas tranças postiças que compram em cidades próximas: elas mesmas fixam umas nas outras as tranças, pois, não há salão de beleza. Os homens



são de estatura mediana, esbeltos, postura elegante e, pode-se afirmar que são imponentes – quase não se encontra um gurutubano que apresente postura curvada –, traços firmes, cabelos carapinhados, mas há muitos que possuem cabelos grossos e quase lisos. Como as mulheres, os homens usam roupas em cores fortes variadas; os mais velhos vestem calças compridas (pano fino, *jeans* em cor escura) e camisas (mangas curtas e/ou cumpridas) bem coloridas, os adultos e os jovens usam calças compridas e/ou bermudas, camisas de pano e camisetas coloridas; o calçado predominante é a botina, mas há também o uso de precatas de borracha de pneu e sandálias “tipo havaianas”; é predominante o uso de chapéu de couro pelos mais velhos e boné pelos adultos e jovens. As crianças vestem roupas coloridas. Como os mais velhos, os meninos usam calção e camiseta; as meninas short e vestido, cabelos naturais penteados em coques, vários rolinhos/trouxinhas, trançados e enfeitados com pregadores elásticos coloridos e arcos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo narramos sucintamente os aspectos históricos, sociais e culturais dos quilombolas norte-mineiros, habitantes do Território Gurutubano. Acreditamos que, para compreender esses fenômenos históricos, é preciso conhecer o “acontecimento” vinculado às estruturas que o geraram. Por isso, colhemos dos fatos históricos e das relações econômicas, sociais, políticas, geográficas e culturais o maior número possível de dados e informações a respeito das condições e dos valores sob os quais a povoação do Território Gurutubano ocorreu. Com esses procedimentos, foi possível esclarecer a forma como sucedeu a formação efetiva desse espaço geográfico, ou seja, como se deu o crescimento demográfico, a ocupação do interior do espaço rural e étnico gurutubano; e o grau de isolamento no qual viveram, seu lugar de origem e as peculiaridades sociais e culturais vigentes no período da migração e no atual. Admitimos neste artigo, que a descrição e comentários feitos sobre o povo gurutubano encerram, em si mesmos, uma minúscula partícula das características históricas, sociais e culturais do vastíssimo universo que o Território Gurutubano descortina. Porém, se pelo menos vierem a instigar um ponto de partida para novas reflexões e novas investigações, já terão cumprido honestamente seu papel. Para melhor conhecer a história e maneira de viver desses brasileiros, sugerimos a leitura dos trabalhos desenvolvidos por Coelho (2010), Costa Filho (200 – 2008) e Silva (2008).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Maria do Socorro Vieira. *Os gurutubanos: língua, história e cultura*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Letras. Belo Horizonte, 2010.





COSTA FILHO, Aderval. *Mansos por natureza: situações históricas e permanência Paresi*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Brasília: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UnB. 2008.

COSTA FILHO, Aderval. *Laudo de Identificação e Delimitação Territorial do Quilombo do Gurutuba*. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Universidade Católica de Brasília. Mimeo. 2005.

*Dicionário da língua portuguesa*. Larousse Cultural. Editora Nova Cultural (Org.). São Paulo, 1992.

SILVA, Kênia Caroline Vieira da. *Cultura e desenvolvimento em comunidades quilombolas: um estudo de caso da experiência do Programa Brasil Quilombola nas comunidades de Taperinha e PA California*. Monografia (Graduação em Sociologia), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

*Recebido em julho de 2012*  
*Aprovado em setembro de 2012*